

Efeito moderador da ambidestria da inovação na relação entre internacionalização e desempenho em empresas brasileiras e europeias*

Antonio Rodrigues Albuquerque Filho

<https://orcid.org/0000-0003-2108-3979>

Editinete André da Rocha Garcia

<https://orcid.org/0000-0002-5782-9579>

Alessandra Carvalho de Vasconcelos

<https://orcid.org/0000-0002-6480-5620>

Afonso Carneiro Lima

<https://orcid.org/0000-0001-8780-3671>

Resumo

Objetivo: Analisar o efeito moderador da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro.

Método: A amostra engloba 1.840 observações listadas no Brasil, Bolsa, Balcão (B3), e NYSE Euronext de 2014 à 2018. As hipóteses foram testadas por meio do Método de Momentos Generalizado (GMM) para dados em painel.

Resultados: As estimativas indicam que o grau de internacionalização por si só não garante alto desempenho financeiro nas empresas brasileiras, enquanto que influencia negativamente o retorno sobre ativos (ROA) nas empresas europeias. Além disso, o efeito individual moderador das duas variáveis de inovação, *exploration* (P&D) e *exploitation* (CAPEX), não foi identificado em nenhum dos dois contextos. Entretanto, atividades de inovação ambidestra tiveram um efeito positivo e significativo na relação entre internacionalização e desempenho financeiro. Evidências do efeito de internacionalização no desempenho financeiro tanto nas empresas brasileiras quanto europeias são confirmadas quando potencializadas pelo envolvimento simultâneo de atividades de inovação.

Contribuições: Este estudo contribui para uma linha investigativa recente que verifica o efeito de variáveis intervenientes na relação internacionalização-desempenho. Também contribui para a análise dessa relação em empresas em mercados emergentes, cujo foco é bastante relevante para compreender e aproveitar as oportunidades de negócios em condições institucionais adversas.

Palavras-chave: Internacionalização; Desempenho financeiro; Ambidestria da inovação.

*Os autores agradecem ao Programa Pesquisa Produtividade da ESTÁCIO FIC.

Editado em Português e Inglês. Versão original em Português.

Recebido em 23/3/2021. Pedido de Revisão em 26/5/2021. Resubmetido em 30/7/2021. Aceito em 3/8/2021 por Vinicius Gomes Martins, Doutor (Editor assistente) e por Dr. Gerlando Augusto Sampaio Franco de Lima (Editor). Publicado em 30/9/2021. Organização responsável pelo periódico: Abracicon.

1. Introdução

Internacionalização é amplamente definida como a expansão geográfica das operações de uma empresa a partir da qual são obtidos benefícios, ou seja, economias de escala, escopo e redução de custos. A internacionalização ocorre a partir de diferentes estratégias e estágios, como exportação, parcerias, ou aquisição de novos recursos/ativos, à medida que tais estratégias são favorecidas ou potencializadas por investimentos em ativos intangíveis estratégicos (Andrade & Galina, 2013; Muzychenko & Liesch, 2015). Estes mesmos ativos podem ser produzidos com a internacionalização e são decisivos para que se obtenha um desempenho econômico superior (Buckley & Casson, 1998; Tang, Tang, & Su, 2019), pois contribuem para uma relação positiva entre internacionalização e desempenho.

Entretanto, a internacionalização também está sujeita a vários riscos que afetam negativamente o desempenho do negócio e a literatura apresenta vários resultados para esta relação: linear positiva significativa (Jain, Celo, & Kumar, 2019; Sun, Price, & Ding, 2019), negativa (Chen & Tan, 2012; Lin, Liu, & Cheng, 2011), não significativa (Hejazi & Santor, 2010), não linear significativa (curva em formato de “U”) (Brida, Driha, Ramón-Rodríguez, Ramón-Rodríguez, & Such-Devesa, 2016; Miller, Lavie & Delios, 2016; Sun et al., 2019), curva em formato de “U” invertida (Chen & Hsu, 2010; Tang et al., 2019), e curvilínea em forma de “S” horizontal (Contractor, Kundu, & Hsu, 2003; Lu & Beamish, 2004; Rugman & Oh, 2010). Tal divergência nos resultados de pesquisa tem levado à análise da influência da internacionalização no desempenho das empresas, considerando o efeito moderador de aspectos específicos (Bausch & Krist, 2007; Li, 2007;), como, por exemplo, recursos e capacidades intangíveis (Annavarjula, Beldona, & Sadrieh, 2006; Kotabe, Srinivasan, & Aulakh, 2002; Lu & Beamish, 2001; Thomas & Eden, 2004).

Especificamente, inovação e capacidades relacionadas à inovação permitem o desenvolvimento e a manutenção de vantagens competitivas devido à criação de valor e à adaptação organizacional, ambas essenciais para entrar em mercados estrangeiros (Baregheh, Rowley, & Sambrook, 2009; Gajewski & Tchorek, 2017; Lev, 2001). Além disso, como resultado dessas capacidades, a hipótese é que a inovação influencia o processo de internacionalização, sustentando a ideia de que quanto maior o comprometimento com mercados estrangeiros, maior a contribuição da inovação para atuação internacional (Albuquerque Filho, Freire, De Luca & Vasconcelos, 2020; Karrer & Fleck, 2015).

Na análise das atividades de inovação das empresas, duas categorias são geralmente consideradas: (i) inovação radical (*exploration*), e (ii) inovação incremental (*exploitation*) (Isogawa, Nishikawa Ohashi, 2015; March, 1991). A inovação radical é revolucionária e envolve riscos, experimentação, flexibilidade, descobertas, retornos sistematicamente incertos. Também implica novas fontes tecnológicas e novos produtos e processos que muitas vezes demandam mais tempo de planejamento, além de provável retorno negativo (Frezatti, Souza Bido, & Cruz, 2015). Por sua vez, a inovação incremental está relacionada com mudanças incrementais em produtos e processos, envolvendo a seleção, implementação, execução, refinamento, e expansão de habilidades, tecnologias, eficiência, e retornos rápidos, positivos e plausíveis (Kim, Kim, Sawng, & Lim, 2018).

Ser capaz de equilibrar as ações de inovação radical e inovação incremental gera uma capacidade conhecida como ambidestria, ou seja, a habilidade de combinar as atuais habilidades, recursos, e capacidades a novas habilidades, recursos, e capacidades – uma sinergia que amplifica os efeitos da inovação no desempenho (Zhang et al., 2019, Cao, Gedajlovic, & Zhang, 2009; Gupta, Smith, & Shalley, 2006). Assim, assume-se que ambidestria pode influenciar fortemente a sobrevivência de uma empresa e, conseqüentemente, a relação positiva entre internacionalização e desempenho financeiro (Lin et al., 2013; Pertusa-Ortega, Tarí, Pereira-Moliner, & López-Gamero, 2021).

Além disso, a relação entre internacionalização e desempenho empresarial depende do ambiente econômico do país de origem da empresa. Empresas sediadas em economias desenvolvidas apresentam um efeito mais robusto na relação “internacionalização-desempenho” do que empresas com sede em economias emergentes (Kirca, Roth, Hult, & Cavusgil, 2012; Mathews, 2006). Uma das principais razões é que empresas sediadas em economias desenvolvidas podem enfrentar pressões mais significativas por dividendos derivados da internacionalização. Portanto, é mais provável que tenham acesso a recursos abundantes e instituições, o que pode impulsionar sua expansão internacional de forma efetiva (Kirca et al., 2012; Wan, 2005).

Em ambientes institucionais previsíveis, as empresas têm mais acesso a tecnologias avançadas e gozam de proteção de propriedade intelectual adequada; ambas podem ajudar a preservar vantagens competitivas baseadas na diferenciação (Jain et al., 2019; Mathews, 2006; Wan, 2005). Além disso, como estas empresas apresentam níveis mais elevados de inovação, devem ser capazes de obter melhores vantagens da transferência e exploração de ativos em termos de inovação incremental, e assim obter maior desempenho no mercado externo, quando comparadas às empresas com sede em economias emergentes (Kirca et al., 2012; Ubeda-Garcia, Rienda, Zaragoza-Saez, & Andreu-Guerrero, 2021).

Embora as estratégias de internacionalização de empresas sediadas em mercados emergentes possam variar significativamente daquelas de empresas em países desenvolvidos (Gaur & Kumar 2010), há evidências de que a expansão internacional pode ter um impacto mais forte no desempenho de empresas sediadas em países desenvolvidos (Kirca et al., 2012). Este impacto pode ser atribuído ao fato de que as empresas em países desenvolvidos têm maiores vantagens de capacidade inovadora como resultado da oferta de infraestrutura, recursos financeiros, acúmulo de capital, e recursos humanos, além de instituições políticas, jurídicas e sociais mais robustas, que beneficiam sua expansão. Por sua vez, as empresas em países emergentes, normalmente lidam com instituições mais fracas, e cenários econômicos e políticos intratáveis, além de atuarem em pequenos mercados domésticos, chegando mais tarde aos mercados internacionais (Andrade & Galina, 2013; Kirca et al., 2012).

Considerando ativos intangíveis como fontes de vantagem competitiva, e que a inovação em países em desenvolvimento ocorre de forma diferente do que em países desenvolvidos, a seguinte pergunta foi formulada: **qual é a influência da inovação na relação entre internacionalização e o desempenho financeiro corporativo no Brasil (um grande país em desenvolvimento) e em países europeus?** Portanto, o objetivo deste estudo foi analisar o efeito moderador da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro em empresas brasileiras e europeias. Para tanto, neste estudo, ambidestria é considerada inovação.

Este estudo apresenta contribuições teóricas e práticas para uma linha investigativa recente que verifica o efeito das variáveis intervenientes na relação internacionalização-desempenho (Andrade & Galina, 2013; Bausch & Krist, 2007; Jain et al., 2019); para a literatura abordando ambidestria da inovação; e para a análise desta relação em empresas sediadas em países emergentes, um foco de pesquisa essencial para entender melhor e efetivamente aproveitar as oportunidades de negócios em condições institucionais adversas (Chang, 2007; Contractor, Kumar, & Kundu, 2007; Thomas, 2006). Além disso, este estudo atende à chamada de pesquisadores, por exemplo, Andrade e Galina (2013), Luo e Tung (2007) e Mathews (2006), uma vez que investiga comportamentos distintos entre empresas sediadas em países com configurações institucionais distintas. Finalmente, este estudo pode subsidiar gestores ao sumarizar os efeitos da inovação no desempenho, o que pode refletir na priorização de recursos e estratégias internacionais.

Ao sugerir que ambidestria da inovação tem um efeito moderador na relação entre internacionalização e desempenho, este estudo pode esclarecer tal relação e contribuir para um melhor entendimento desta última relação, produzindo um relato mais detalhado e potencialmente reduzindo tais diferenças nos resultados. Poucas empresas são ambidestras em suas abordagens à inovação, considerando que o processo para obter ambidestria de inovação está repleto de desafios consideráveis (Dunlap et al., 2016). Além disso, um estudo comparativo envolvendo economias desenvolvidas e (neste caso) uma grande economia emergente também deve revelar se, e como esta relação se altera, dependendo das configurações institucionais, proporcionando assim um melhor entendimento dos “porquês” e “como” das estratégias de inovação adotadas por empresas em diferentes mercados internacionais e como as mesmas afetam esta relação.

2. Revisão da literatura

2.1 Internacionalização e desempenho financeiro

A internacionalização é uma expansão geográfica das operações de uma empresa para outros países, motivada por oportunidades de negócios e maior crescimento por meio do acesso a novos mercados, recursos, e ativos estratégicos (Ipsmiller & Dikova, 2021). Portanto, uma relação positiva entre internacionalização e desempenho é esperada (Brida et al., 2016; Chen & Hsu, 2010; Chen & Tan, 2012; Gaur & Kumar, 2009; Hejazi & Santor, 2010; Jain et al., 2019; Lin et al., 2011; Miller et al., 2016; Sun et al., 2019; Tang et al., 2019). No entanto, a magnitude desta relação está sujeita principalmente aos fatores institucionais de um país estrangeiro, mas será provavelmente maior no desempenho de empresas sediadas em economias desenvolvidas do que daquelas sediadas em economias emergentes (Albuquerque Filho et al., 2020; Ipsmiller & Dikova, 2021; Kirca et al., 2012).

O efeito da internacionalização no desempenho de empresas com sede em economias desenvolvidas e emergentes pode ser diferente e explicado de diferentes maneiras. Em primeiro lugar, empresas sediadas em economias emergentes geralmente têm custos de mão de obra mais baixos, não se envolvem em atividades intensivas em conhecimento, e não detêm uma base de conhecimento para expansão internacional (Amsden & Hikino, 1994; Andrade e Galina, 2013). Em segundo lugar, economias emergentes frequentemente apresentam instituições mais fracas (Khanna & Rivkin, 2001; Peng, 2003; Peng & Parente, 2012). Em terceiro lugar, economias desenvolvidas geralmente apresentam cenários econômicos e políticos mais estáveis quando comparadas a economias emergentes (Peng, 2003; Mathews, 2006), o que influencia a internacionalização, considerando que os retornos gerados podem ser maiores em economias de alto risco (Rugman, 1976). Por último, muitas vezes o mercado doméstico de economias emergentes pode ser muito pequeno para oferecer escala e outras vantagens competitivas (Khanna & Rivkin, 2001).

De acordo com as observações de Hitt et al. (2006) e Makino e Cols (2004), a magnitude da relação entre internacionalização e desempenho está sujeita a fatores institucionais e a outros fatores específicos relacionados ao país de origem. Além disso, a expansão internacional tem um impacto mais forte no desempenho das empresas de países desenvolvidos do que no de empresas em países emergentes (Kirca et al., 2012).

Em contextos institucionais bem desenvolvidos, as empresas estão mais bem equipadas com tecnologia avançada e forte proteção à propriedade intelectual, que ajuda salvaguardar suas vantagens competitivas (Wan, 2005). Além disso, as empresas sediadas em economias desenvolvidas apresentam maiores níveis de ativos específicos da empresa, o que lhes permite transferir e explorar estes ativos de forma mais eficiente, refletindo em melhor desempenho em mercados internacionais do que para as empresas sediadas em economias emergentes (Jain et al., 2019; Tang et al., 2019).

Uma vez que a internacionalização dá acesso a novos mercados e favorece um desempenho financeiro positivo, contingente ao mercado selecionado, as seguintes hipóteses são propostas:

H1: A internacionalização influencia positivamente o desempenho de empresas brasileiras.

H2: A internacionalização influencia positivamente o desempenho de empresas europeias.

H3: A internacionalização influencia de forma diferente o desempenho de empresas brasileiras em comparação ao de empresas europeias.

2.2 Ações de inovação radical e incremental, ambidestria organizacional e desempenho financeiro

Como parte de estratégias competitivas de sucesso, a inovação é reconhecida como um elemento crítico para a sobrevivência e competitividade organizacional (Dess & Picken, 2000). Argumenta-se, por exemplo, que as empresas que usam tecnologias mais avançadas são provavelmente mais eficientes no uso de seus recursos (Block & Keller, 2015).

A inovação está associada a ativos intangíveis (Lev, 2001) e é uma impulsionadora de vantagem competitiva em vários ambientes tecnológicos, sociais e de *marketing* (Conto, Antunes Jr. & Vaccaro, 2016). Conseqüentemente, ajuda as empresas a estabelecerem barreiras contra ameaças competitivas e a atraírem preferências.

Entre as várias perspectivas sobre inovação, este estudo aborda as atividades de inovação radical e incremental, extraídas do estudo pioneiro de March (1991), que aborda atividades de inovação, ou seja, inovação radical e inovação incremental. A inovação radical e a inovação incremental se referem a “atividades de aprendizagem essencialmente diferentes, as quais competem com a atenção da empresa e recursos escassos” (March, 1991, p. 71).

A combinação destes dois tipos de atividade define a estrutura ambidestra organizacional (também chamada ambidestria organizacional) para gestão da inovação (Yoshikuni, Favaretto, Albertin, & Meirelles, 2018). Ambidestria pressupõe que o alcance dos objetivos estratégicos requer uma distribuição otimizada dos recursos entre duas demandas aparentemente conflitantes: adaptabilidade (inovação radical) e alinhamento (inovação incremental) (Severgnini, Galdamez, & Vieira, 2019).

A ambidestria organizacional pode ser visualizada a partir de uma perspectiva de comprometimento com as demandas de competitividade. Embora tenha sido demonstrado que organizações focadas na ambidestria tendem a ter um melhor desempenho no mercado (Gilsing & Nooteboom, 2006; Popadiuk & Bido, 2016), ainda são necessárias contribuições com o intuito de entender como o envolvimento simultâneo da inovação radical e incremental explica o desempenho das empresas.

2.3 Inovação, internacionalização e desempenho financeiro

A literatura propõe que as características no nível da empresa são fatores essenciais para explicar como a internacionalização se relaciona com desempenho. Iniciada por Hymer (1976), esta perspectiva reconhece a vantagem específica de uma empresa como vetor impulsionador da internacionalização, que foi então refinada por Dunning (1988) ao examinar os diferentes tipos de insumos de produção que levam ao crescimento da empresa. Posteriormente, estudiosos da visão baseada em recursos (VBR), caracterizaram recursos estratégicos únicos como determinantes-chave do sucesso no mercado.

VBR reforça as perspectivas desenvolvidas por Hymer (1976) e Dunning (1988), a Teoria da Internalização e o Paradigma Eclético (modelo OLI), respectivamente, que fornecem as bases teóricas para explicar as operações internacionais de uma empresa. De acordo com estas abordagens, as operações de uma empresa se internacionalizam quando os mercados são internalizados além das fronteiras nacionais devido aos custos de transação, proporcionando vantagens de propriedade e conhecimento. Esta vantagem específica permite que um alto grau de internacionalização converta pesquisa e desenvolvimento (P&D) em uma nova forma de produção com custos mais baixos que os dos concorrentes domésticos devido às economias de escala, além de reduzir os custos de comunicação entre P&D, produção e *marketing* (Bae, Park, & Wang, 2008).

Ainda assim, no que diz respeito à inovação, os investimentos em P&D são um indicador amplamente difundido dos esforços de inovação nas organizações (Nekhili, Boubaker, & Lakhal, 2012). De acordo com Cohen e Levinthal (1990), por exemplo, a intensidade de P&D específica que os esforços para gerar novas informações e conhecimento são fatores motivadores para o avanço da tecnologia. Por outro lado, de acordo com Bae et al. (2008), áreas em que a produtividade requer agregação de valor mais significativa têm maior probabilidade de fazer investimentos substanciais em P&D na busca por inovação.

Inovação é um componente vital da estratégia para obter vantagem competitiva. A inovação não apenas permite a geração de valor para os consumidores em termos de atributos diferenciados de produto/serviço, mas também em termos de preços mais baixos combinados com os atributos de qualidade desejados como resultado de processos de negócios inovadores, apoiando vantagem competitiva tanto no mercado interno quanto externo (Brito, Brito, & Morganti, 2009; Oyadomari, Mendonça, Cardoso, & Dutra-de-Lima, 2013; Bedford et al., 2021).

Além disso, empresas inovadoras se destacam das não inovadoras em ambientes marcados por pressões cíclicas industriais e ambientais (Gunday, Ulusoy, Kilic, & Alpkan, 2011). No que diz respeito aos recursos de negócios, instituições, concorrência, e ambiente jurídico em contextos internacionais adversos, a inovação permite otimizar a estrutura organizacional de uma empresa como função da criação de valor e adaptação organizacional (Baregheh et al., 2009).

Neste estudo, inovação é considerada tanto a atividade de inovação radical como a incremental (March, 1991). Cao, Gedajlovic, e Zhang (2009) e Gupta, Smith, e Shalley (2006) destacam que a sinergia entre estes dois tipos de atividade amplifica os efeitos de desempenho. Mais do que isso, a combinação de atividades de inovação (ambidestria organizacional) pode produzir efeitos diferentes e complementares e, portanto, melhorar os resultados.

Em teoria, inovação radical aumenta o desempenho se, e somente se, a inovação incremental já foi totalmente obtida. Portanto, o foco excessivo em alinhamento, refinamento e eficiência (inovação incremental) gera um desequilíbrio que pode levar à estagnação organizacional, impactando a capacidade da empresa de se adaptar às mudanças ambientais (mercados externos) e, conseqüentemente, limitando os resultados financeiros a longo prazo (Levinthal & March, 1993). Alternativamente, focar excessivamente na adaptação às pressões ambientais é muito caro, demorado e leva a riscos mais significativos, enfraquecendo o desempenho a curto prazo (Karrer & Fleck, 2015).

Assim, as capacidades, recursos e inovação contribuem para o processo de internacionalização das empresas e, conseqüentemente, para seu desempenho. Kowalik, Danik, e Sikora (2020) mostraram que capacidades de marketing especializadas promovem a expansão do nível de internacionalização das empresas, enquanto que Ruzzier e Ruzzier (2015) sinalizaram que os procedimentos, as rotinas e capacidades das empresas estão positivamente correlacionados com seu grau de internacionalização. Lamotte e Colovic (2015) e Pergelova, Manolova, Ganeva, e Yordanova (2019) mostraram que a internacionalização está associada à infraestrutura tecnológica e P&D, enquanto que Rehman (2017) e Gajewski e Tchorek (2017) destacam a produtividade e inovação, respectivamente, como indispensáveis à internacionalização.

Ambidestria é de alto valor para as empresas, pois possibilita vantagens de equilíbrio e congruência, resultando em um desempenho mais eficaz (He & Wong, 2004; Yoshikuni et al., 2018). A inovação incremental é significativa para obter desempenho financeiro no curto prazo, o que aumenta a capacidade de investimento da empresa em inovação radical. Neste sentido, inovação radical permite que a empresa gere novos fluxos de receita (inovação incremental), contribuindo para as vantagens no longo prazo (Karrer & Fleck, 2015). Os autores apontaram a necessidade de analisar a inovação radical e incremental separadamente e os seus efeitos combinados no desempenho organizacional (Ceptureanu et al., 2021). Este autor mostrou a influência positiva da ambidestria da inovação no desempenho organizacional.

De acordo com o exposto, pode-se concluir que ambidestria é uma capacidade ideal e excepcional, pois proporciona vantagens de equilíbrio e congruência, fundamentando um desempenho mais eficaz (Severgnini, Galdamez & Vieira, 2019). Além disso, a inovação incremental é importante para obter um desempenho financeiro no curto prazo, o que ajuda a aumentar a capacidade de investimento da empresa em inovação radical. Neste sentido, a inovação radical permite gerar novos fluxos de receita (inovação incremental), a partir dos quais novos lucros são obtidos e a sobrevivência a longo prazo é esperada (Karrer & Fleck, 2015).

Portanto, considerando que a inovação pode gerar benefícios futuros para a empresa e contribuir para um desempenho financeiro superior, propomos que:

H4: A inovação modera positivamente a relação entre internacionalização e desempenho financeiro em empresas brasileiras.

H5: A inovação modera positivamente a relação entre internacionalização e desempenho financeiro em empresas europeias.

H6: Nas empresas europeias, a função determinante da influência da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro apresenta um coeficiente angular mais alto do que em empresas brasileiras.

Baseada nestas hipóteses, a relação proposta entre os constructos internacionalização, inovação e desempenho financeiro são demonstradas e fundamentadas no seguinte modelo (figura 1).

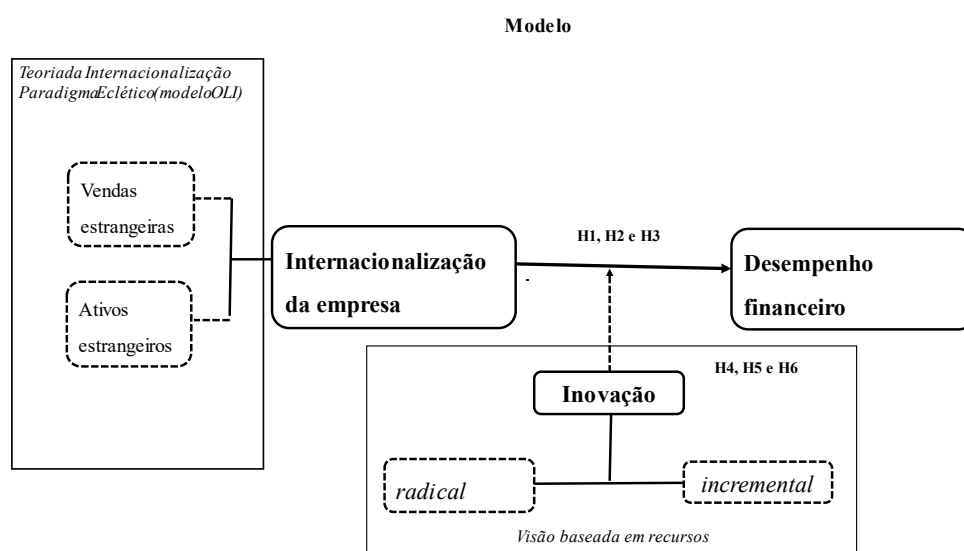


Figura 1. Modelo operacional

Com base na Figura 1, as operações da empresa tornam-se internacionais à medida que as atividades cruciais do mercado estrangeiro são internalizadas. Isto ocorre quando as vantagens de propriedade e conhecimento são vislumbradas. Portanto, a internacionalização afeta o desempenho financeiro positivamente. No entanto, o sucesso na internacionalização dependerá cada vez mais da criação de vantagens competitivas baseadas em inovação tecnológica (Lamotte & Colovic, 2015; Stal, 2010). Na VBR, a Teoria da Internalização e o modelo OLI, a dinâmica dos modos de entrada em um mercado externo e o desenvolvimento de capacidades durante o processo de internacionalização são impulsionados pelos recursos específicos da empresa, ou seja, inovação na criação de um diferencial competitivo sustentável e desempenho ainda mais superior nos mercados internacionais (Fahy, 2002; Ubeda-Garcia et al., 2021).

3. Metodologia

A população deste estudo foi composta de 68 empresas brasileiras não financeiras (340 observações) listadas na B3 e 300 empresas europeias sediadas na Bélgica, França, Holanda, em Luxemburgo, Portugal ou no Reino Unido (1.500 observações) listadas na NYSE Euronext. Os dados foram coletados da base de dados Capital IQ®, que compõe um painel não balanceado e se refere ao período entre 2014 e 2018. Em vez de limitar a amostra a empresas brasileiras, as empresas europeias também foram incluídas para verificar se as atividades de inovação das empresas sediadas em países com ambientes econômico e institucional divergentes afetam a internacionalização e o desempenho financeiro. Diversos estudos sugerem que este pode ser o caso (Kirca et al., 2012; Schulze et al., 2016; Albuquerque Filho et al., 2020).

Estudos empíricos recentes têm usado medidas contábeis como *proxy* de desempenho (Jain, Celo, & Kumar, 2019; Sun et al., 2019). Um argumento possível diz respeito aos indicadores financeiros comumente analisados pelos gestores internos, essenciais na verificação dos riscos do negócio. Desta forma, o desempenho comparativo é representado aqui pelo ROA, que é a relação entre o lucro líquido da empresa e os ativos totais. Portanto, a variável ROA foi selecionada como a variável dependente, à semelhança de estudos anteriores, como, por exemplo, Chen e Hsu (2010), Chen e Tan (2012), Contractor et al. (2003), Gaur e Kumar (2009) e Li (2007).

As variáveis independentes englobam a internacionalização e inovação que foram obtidas por meio da base de dados Capital IQ®. Em primeiro lugar, a internacionalização foi medida como um índice composto, operacionalizado pela razão entre as vendas externas e vendas totais (INTER1) e a razão dos ativos externos e vendas totais (INTER2). Em seguida, um índice identificado como grau de internacionalização (DI) foi formado a partir destas variáveis, correspondendo à média da INTER1 e INTER2. Este procedimento produz resultados mais robustos devido a um menor erro de predição e maior validade como construto na relação internacionalização-desempenho (Annavarjula et al., 2006).

No que diz respeito à inovação, inovação radical e inovação incremental, estas são variáveis independentes e moderadoras na relação internacionalização-desempenho. Como base em estudos anteriores, argumenta-se que as atividades de inovação radical e incremental intensificam os efeitos umas das outras (Bernal, Maicas, & Vargas, 2018; Gupta et al., 2006). Neste sentido, é esperado um equilíbrio entre inovação radical e inovação incremental para atingir melhor desempenho e vantagem competitiva (March, 1991). O valor dos investimentos em P&D foram usados como *proxy* para inovação radical, enquanto que o valor dos dispêndios de capital (CAPEX), obtidos pelo quociente entre o valor de dispêndio de capital e os ativos totais, foram usados como *proxy* de inovação incremental (Bedford et al., 2021, Cui et al., 2021; Kim, 2015; Younge & Tong, 2018,).

Seguindo as categorias de March (1991), os investimentos em P&D se enquadram em inovação radical porque envolvem as atividades focadas em descoberta e criação visando à ruptura, o que implica altos riscos. Já o CAPEX corresponde à inovação incremental porque é mais voltado para o produto e processo, com o objetivo de refinar e expandir habilidades, tecnologia e eficiência. O CAPEX comanda um grande volume de recursos, envolvendo os investimentos densos e não recorrentes (Dudley, 2012). Além disso, os bens de capital são relevantes para gerar mais inovação e ganhos de produtividade.

Quanto aos investimentos de P&D como uma medida de inovação, vários estudos o recomendam como proxy de intensidade tecnológica devido à sua associação com o potencial inovador das organizações. Além disso, os investimentos em P&D são frequentemente usados como medida da capacidade de inovação das empresas (Thomas & Eden, 2004; Younge & Tong, 2018). Em relação aos investimentos CAPEX, Massell (1962) mostra que o crescimento histórico proeminente dos Estados Unidos resultou da aquisição e adoção de tecnologias de produção mais sofisticadas, como novas máquinas e equipamentos. Ghosal e Nair-Reichert (2007) e Kim (2015) verificaram que a adoção de novas tecnologias por parte das empresas estava relacionada ao aumento de sua produtividade, competitividade e inovação.

Da mesma forma que o apresentado na literatura, este estudo adotou as seguintes variáveis de controle: diversificação de produto (DIVERS), medida com o *Herfindahl Index* (Kumar, 2009; Tang et al., 2018); tamanho da empresa (SIZE), representada pelo logaritmo natural do valor dos ativos totais (Chen & Tan, 2012; Sun et al., 2019); a idade da empresa (AGE), obtida pelo número de anos desde sua fundação (Tang et al., 2018); alavancagem, como o quociente entre o valor total da dívida e o valor patrimonial total (LEVE) (Chen & Tan, 2012; Reuer & Miller, 1997); crescimento (GROW), obtido pela variação anual da receita líquida no período t em relação a $t - 1$ (Hejazi & Santor, 2010); e risco (RISK), que corresponde ao quociente entre o valor total da dívida e o valor total do ativo (Hejazi & Santor, 2010).

Os testes estatísticos foram realizados com o *Data Analysis and Statistical Software (STATA)*. Os modelos de regressão empíricos para a análise de dados em painel foram usados para testar as hipóteses apresentadas nas Equações 1 e 2:

$$ROA_{it} = \alpha_i + \beta 1ROA_{it-1} + \beta 2DI_{it} + \beta_{3-5} \sum CONTR_{it} + \eta_i + \omega_t + v_{it} \quad (\text{Equação 1})$$

$$ROA_{it} = \alpha_i + \beta 1ROA_{t-1} + \beta 2DI_{it} * INOV + \beta_{3-8} \sum CONTR_{it} + \eta_i + \omega_t + v_{it} \quad (\text{Equação 2})$$

Em que:

- ROA = Retorno sobre os ativos (medida de desempenho da empresa);
- DI = Expressa o grau de internacionalização representado pela média aritmética entre as vendas externas em relação às vendas totais e o quociente entre os ativos externos em relação aos ativos totais;
- INOV = Corresponde à inovação radical (P&D), inovação incremental (CAPEX) e à interação entre a inovação radical (P&D) com inovação incremental (CAPEX);
- $CONTR_{ij}$ = Representa as variáveis de controle das variáveis do modelo econométrico associado com a empresa i no período t , representadas por diversificação de produto (DIVERS), tamanho (SIZE), idade (AGE), alavancagem (LEVE), crescimento (GROW) e risco (RISK);
- β = coeficientes do modelo;
- i = empresa;
- t = tempo;
- η = Efeito específico da empresa (heterogeneidade não observada);
- ω = Componente tempo (*dummies* para o ano);
- v = Erro

A estimação dos parâmetros dos modelos de regressão foram obtidos por meio do Sistema do Método Generalizado de Momentos (GMM-Sys), que confere maior robustez de estimação na presença de endogeneidade e autocorrelação serial a partir do uso de variáveis instrumentais sequencialmente exógenas (Roodman, 2009).

O viés de endogeneidade possivelmente explica os resultados divergentes da relação entre internacionalização e desempenho (Bowen, 2007; Jean et al., 2016; Reeb, Sakakibara e Ishtiaq, 2012). Além disso, o GMM-Sys pode mitigar fontes de endogeneidade: heterogeneidade não observada, endogeneidade dinâmica e causalidade reversa.

A heterogeneidade não observada está relacionada a variáveis difíceis de medir, ou não, diretamente observáveis, que influencia tanto as variáveis dependentes como independentes. A competitividade de uma empresa, suas capacidades gerenciais e o monitoramento de tecnologia aplicadas ao processo de internacionalização são exemplos de heterogeneidade não observada (Himmellberg, Hubbard & Palia, 1999; Jean et al., 2016). Dessa forma, se as fontes de endogeneidade são negligenciadas, o modelo econométrico pode sofrer viés por variável omitida (Bowen & Wiersema, 2009). As estimativas de regressões de painel, como Efeitos Fixos (EF) e GMM, controlam a heterogeneidade não observada, ao contrário do Método dos Mínimos Quadrados Ordinários (OLS), aplicado em dados transversais (Coles, Lemmon, & Meschke, 2012).

A endogeneidade dinâmica surge quando a variável dependente é afetada por valores desbalanceados. Estudos indicam que o desempenho da empresa é afetado por sua primeira defasagem, sendo necessária a utilização de modelos dinâmicos para investigar a relação entre internacionalização e variáveis de desempenho (Jean et al., 2016). O estimador EF não permite a inclusão de defasagens da variável dependente no modelo, pois é baseado na suposição de exogeneidade estrita dos regressores, ao contrário dos modelos do estimador GMM (Wintoki, Linck, & Netter, 2012).

Por sua vez, a causalidade reversa é apresentada quando a variável dependente é afetada, mas também influencia um ou mais regressores simultaneamente (Roberts & Whited, 2013). Alguns estudos mostram que o desempenho e a internacionalização são determinados em conjunto, destacando a importância de tratar esta última como endógena (Hejazi & Santor, 2010). As alternativas para controlar a simultaneidade incluem a identificação de instrumentos externos para variáveis endógenas e o uso de Estimador de Mínimos Quadrados em dois estágios (2ELE). Entretanto, encontrar instrumentos externos válidos é uma tarefa difícil, e o estimador GMM-Sys pode lidar com causalidade reversa selecionando instrumentos internos válidos para variáveis endógenas e usando modelos dinâmicos (Wintoki, Linck & Netter, 2012).

Assim, com base em Arellano e Bover (1995), Souza e Kloeckner (2014, p. 327) notam que “o conjunto de instrumentos disponível no estimador GMM-Sys é maior e permite estimativas mais precisas”. No GMM-Sys, os instrumentos são defasados no tempo, tornando-os exógenos para os efeitos fixos, sendo, portanto, uma combinação de transformações em diferenças de primeira ordem com transformações em níveis, resultando em um sistema de equações (Roodman, 2009). Assim, a escolha do GMM é adequada por resolver a endogeneidade e por ser robusto a heterocedasticidade, bem como por atender às premissas distribucionais (Wooldridge, 2001).

Desta forma, as variáveis independentes são instrumentalizadas: na equação em níveis, pela segunda, terceira e quarta defasagens das variáveis em diferenças; e na equação em diferenças pela segunda defasagem das variáveis em nível (porque as outras defasagens são redundantes) (Roodman, 2009). O número de defasagens utilizado para a proliferação dos instrumentos é limitado e, portanto, o teste de Hansen tende a aceitar a hipótese de que os instrumentos são válidos (Roodman, 2009). Além disso, evidências econométricas apontadas na literatura convergem para duas e cinco defasagens, à medida que a aplicação de defasagens mais amplas pode apresentar efeitos indesejáveis de sobreajuste (Medeiros & Mol, 2017).

4. Resultados

A Tabela 1 mostra as estatísticas descritivas e a matriz de correlação das variáveis dependentes e independentes. Note que as médias das vendas externas (INTER1), dos ativos externos (INTER 2), e DI das empresas europeias são mais altas do que as das empresas brasileiras. Ao mesmo tempo, as atividades de inovação radical (P&D) e inovação incremental (CAPEX) são mais recorrentes e mais altas em empresas europeias. Este resultado indica que as empresas europeias têm melhor desempenho financeiro.

Tabela 1
Matrix de correlação

| Empresas brasileiras | | | | | | | | |
|----------------------|------|-----------|----------|---------|---------|---------|----------|---------|
| Variável | N | \bar{x} | σ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1. INTER 1 | 275 | 0,274 | 0,259 | | | | | |
| 2. INTER 2 | 275 | 0,234 | 0,213 | 0,445** | | | | |
| 3. DI | 275 | 0,167 | 0,176 | 0,921** | 0,764** | | | |
| 4. P&D | 340 | 0,809 | 1,921 | 0,150* | 0,064 | 0,181** | | |
| 5. CAPEX | 340 | 3,005 | 2,389 | 0,415** | 0,454** | 0,451** | 0,510** | |
| 6. ROA | 340 | 0,300 | 4,277 | -0,300 | -0,096 | -0,090 | -0,017 | -0,060 |
| Empresas Europeias | | | | | | | | |
| Variável | N | \bar{x} | σ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1. INTER 1 | 1349 | 0,551 | 0,303 | | | | | |
| 2. INTER 2 | 1349 | 0,429 | 0,299 | 0,568** | | | | |
| 3. DI | 1349 | 0,342 | 0,215 | 0,810** | 0,872** | | | |
| 4. P&D | 1384 | 1,013 | 0,052 | 0,114** | 0,144** | 0,043 | | |
| 5. CAPEX | 1384 | 3,347 | 2,843 | 0,259** | 0,331** | 0,270** | -0,110** | |
| 6. ROA | 1500 | 0,418 | 0,307 | 0,007 | -0,012 | 0,032 | -0,148** | 0,281** |

* e ** denotam significância estatística aos níveis 1% e 5%, respectivamente.

Fonte: dados do estudo.

Além disso, uma correlação negativa e estatisticamente significativa foi encontrada entre inovação radical (P&D) e desempenho financeiro (ROA), enquanto que uma correlação positiva e significativa foi encontrada com atividades de inovação incremental (CAPEX) para as empresas europeias; embora o mesmo não tenha sido identificado entre as empresas brasileiras. Por outro lado, vendas externas (INTER1), ativos externos (INTER 2), e DI não apresentaram correlações significantes com desempenho financeiro (ROA). Como a matriz de correlação sinaliza uma possível presença de multicolinearidade, o teste de Fatores de Inflação de Variação (VIF) foi realizado e apresentou valores aceitáveis (1,07 à 1,67) (Neter, Kutner, Nachtsheim, & Wasserman, 1996).

Tabela 2

Moderação da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro nas empresas brasileiras

| Variável | Modelo 1 | Modelo 2 | Modelo 3 | Modelo 4 |
|----------------------------------|---------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| ROA _{t-1} | 0,0013 (0,78) | 0,1384** (1,96) | 0,1323*** (1,83) | 0,1344*** (1,88) |
| DI | -0,0452 (-1,48) | | | |
| DI x <i>inovação radical</i> | | -0,0001 (-0,71) | | |
| DI x <i>inovação incremental</i> | | | 0,0250 (0,02) | |
| DI x <i>Ambidestria</i> | | | | 0,0048** (2,26) |
| SIZE | 0,0005 (0,89) | 0,0072 (1,29) | 0,0056 (0,97) | 0,0077 (1,44) |
| GROW | 0,0000 (0,99) | -0,0000 (1,24) | 0,0000 (1,33) | 0,0000 (1,22) |
| DIVERS | 0,1490 (-0,051) | -0,0260 (-0,16) | -0,0278 (-0,18) | 0,0182 (0,11) |
| RISK | -0,1153* (-1,94) | -0,0919** (-2,25) | -0,0965** (-2,36) | -0,0954** (-2,31) |
| LEVE | -0,0005 (-0,71) | 0,0015 (1,15) | -0,0012 (1,06) | 0,0014 (1,09) |
| AGE | -0,0001 (-1,03) | -0,0004 (-1,23) | -0,0003 (-0,94) | -0,0004 (-1,34) |
| _constante | 0,0696 (0,85) | Omitida - | Omitida - | Omitida - |
| Efeitos fixos de tempo | Yes | Yes | Yes | Yes |
| Efeitos fixos de companhia | Yes | Yes | Yes | Yes |
| Número de observações | 272 | 272 | 272 | 272 |
| Número de instrumentos | 67 | 67 | 67 | 67 |
| Moderator | - | P&D | CAPEX/AT | (P&D x CAPEX/AT) |
| Wald Chi2 | 19,65*** | 67,25* | 64,64* | 72,59* |
| Teste Hansen J | 58,33 | 62,01 | 59,80 | 62,95 |
| Arellano-Bond AR(1) | -1,74*** | -2,27** | -2,19** | -2,26** |
| Arellano-Bond AR(2) | 0,26 | -0,31 | -0,34 | -0,32 |

*, ** e *** denotam significância estatística aos níveis de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Fonte: dados do estudo.

A Tabela 2 mostra que os testes de autocorrelação residuais (Arellano & Bond, 1991) não rejeitam a hipótese de autocorrelação, ausência de resíduos de segunda ordem, indicando que os instrumentos são exógenos. Por sua vez, o teste Hansen J (validação do instrumento) legitimou todas as estimativas, considerando um nível de significância de 10%, reforçando a exogeneidade dos instrumentos e evidenciando a validade dos instrumentos do sistema GMM.

Ainda com relação às empresas brasileiras, a variável ROAt-1, que corresponde à primeira defasagem da variável resposta e mede a persistência do desempenho financeiro, apresentou significância estatística ao nível de 5% no modelo 2 e 10% nos modelos 3 e 4. O coeficiente positivo obtido nos modelos 2, 3 e 4 mostra que o desempenho financeiro da empresa no período $t-1$ contribui para formar o desempenho financeiro da empresa no período t . Este resultado reforça a importância de usar modelos dinâmicos em estudos de negócios e estratégias internacionais, mostrando que especificações estáticas estão sujeitas ao viés de omissão de variáveis relevantes.

Os resultados do modelo 1 indicam que DI por si só não influencia o desempenho financeiro das empresas brasileiras (sig. > 10%), portanto, H1 é rejeitada. No entanto, as variáveis de controle incluídas apenas no modelo de risco (RISK) foram significantes, mas negativamente associadas com desempenho financeiro. Desta forma, riscos mais elevados tendem a diminuir o desempenho financeiro das empresas brasileiras.

Os modelos 2 e 3 foram estimados para verificar os efeitos moderadores individuais das atividades de inovação radical e incremental no DI de empresas brasileiras. O modelo 2 mostra que o efeito da inovação radical com DI no desempenho financeiro não foi estatisticamente significativo. Da mesma forma, o modelo 3 mostra que a interação da inovação incremental com DI não foi estatisticamente significativa. No entanto, note que a variável *risk* afeta o desempenho financeiro das empresas brasileiras em ambos os modelos.

Em relação ao efeito da interação entre inovação radical e incremental com DI especificado no modelo 4, o coeficiente positivo e significativo (coef. 0.0048, sig. < 0.05) indica que a interação dos constructos (DI-ambidestria) afeta o desempenho financeiro em empresas brasileiras, confirmando a quarta hipótese (H4). Em outras palavras, cada unidade adicional de interação DI-ambidestria aumenta o desempenho financeiro a cada ano, *ceteris paribus*. Assim, quanto maiores os níveis de investimento em bens de capital e quanto maior o investimento em P&D nas empresas brasileiras combinadas, maior o grau de internacionalização destas, o que implica, em última análise, em desempenho financeiro superior.

A Tabela 3 apresenta os resultados da regressão para o efeito moderador da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro de empresas europeias. Como mostra a Tabela 3, a adequação dos modelos 1 e 4 aos pressupostos do GMM-Sys denota a robustez das estimativas. Os testes de autocorrelação dos resultados dos resíduos de AR de Arellano e Bond (1991) para a autocorrelação de resíduos de primeira ordem rejeitaram a hipótese nula de ausência de correlação serial. No entanto, estes testes não rejeitaram para a hipótese nula no caso de autocorrelação de segunda ordem. Além disso, os p-valores do teste J de Hansen para sobreidentificação nos modelos 1 e 4 não rejeitaram a hipótese nula de validade dos instrumentos em ambas as especificações. Por outro lado, os modelos 2 e 3, que apresentam a interação inovação radical (P&D) e inovação incremental (CAPEX), não foram validados para os pressupostos do GMM-Sys por não serem estatisticamente significantes.

Os coeficientes da primeira defasagem da variável dependente (ROAt-1) foram estatisticamente significantes e abaixo de 1 em todos os modelos. Em outras palavras, as estimativas positivas sustentam que o desempenho financeiros das empresas europeias no $t-1$ contribui mais para a composição de seu desempenho financeiro em t .

Tabela 3

Moderação da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro das empresas europeias

| Variável | Modelo 1 | Modelo 2 | Modelo 3 | Modelo 4 |
|----------------------------------|-----------------------|----------------------|--------------------|---------------------|
| ROA _{t-1} | 0,3325** (2,47) | 0,0972* (3,48) | 0,0959* (3,93) | 0,1344*** (1,88) |
| DI | -0,4233*** (-1,68) | | | |
| DI x <i>Inovação radical</i> | | 0,0001 (0,83) | | |
| DI x <i>Inovação incremental</i> | | | 0,2297 (0,17) | |
| DI x <i>Amibidestria</i> | | | | 0,0050** (2,02) |
| SIZE | 0,0399 (1,46) | 0,0397 (1,01) | 0,0413 (0,97) | 0,0469** (2,04) |
| GROW | 0,0000 (1,08) | 0,0000** (2,37) | 0,0000 (1,18) | 0,0000 (0,72) |
| DIVERS | -32,521 (-0,61) | -54,119** (-2,06) | -46,720 (-1,13) | -9,0349 (-0,61) |
| RISK | -0,0081 (-0,40) | -0,0048 (-0,22) | -0,0140 (-0,58) | 0,0043 (0,38) |
| LEVE | 0,0008 (0,42) | -0,0009 (-0,52) | -0,0011 (-0,80) | -0,0005 (-0,75) |
| AGE | 0,0255 (0,85) | -0,0451 (1,11) | -0,0517 (0,99) | -0,0037 (-0,16) |
| constante | -0,1982 (-1,29) | Omitida - | -0,4434 (-3,11) | -0,0059 (-0,05) |
| Efeitos fixos de tempo | Yes | Yes | Yes | Yes |
| Efeitos fixos de companhia | Yes | Yes | Yes | Yes |
| Número de observações | 1158 | 1158 | 1158 | 1158 |
| Número de instrumentos | 67 | 67 | 67 | 67 |
| Moderator | - | P&D | CAPEX/AT | (P&D x CAPEX/AT) |
| Wald Chi2 | 39,04* | 95,60* | 113,19* | 72,59* |
| Teste Hansen J | 32,11 | 43,69 | 58,91 | 58,91 |
| Arellano-Bond AR(1) | -2,20*** | 0,65 | -0,69 | -2,22** |
| Arellano-Bond AR(2) | -1,55 | -1,22 | -1,22 | -1,12 |

*, ** e *** denotam significância estatística aos níveis de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Fonte: dados do estudo.

Quanto ao grau de internacionalização (DI) das empresas europeias, como mostrado no modelo 1, este constructo foi estatisticamente significativo ao nível de 10%. O coeficiente negativo registrado para esta variável indica que a internacionalização contribui negativamente para o desempenho financeiro das empresas europeias quando analisada separadamente. Mais especificamente, *ceteris paribus*, o desempenho financeiro das empresas europeias despenca com o aumento de cada unidade de internacionalização; assim, a H2 é rejeitada.

Além disso, também em relação ao modelo 1, há uma influência estatisticamente significativa das variáveis crescimento e diversificação de produto no desempenho financeiro. Quanto maior o crescimento e menor a diversificação de produto em empresas europeias, maior o desempenho financeiro.

A Tabela 3 mostra que a interação entre inovação radical e inovação incremental com DI foi positiva (coef. 0.0050) e estatisticamente significativa ao nível de 5%, confirmando a H5. Portanto, o efeito moderador da ambidestria da inovação no grau de internacionalização aumenta a proeminência de maior desempenho financeiro. Mais precisamente, *ceteris paribus*, maior internacionalização e, conseqüentemente, melhor desempenho financeiro é obtido pelas empresas europeias a cada unidade de atividade de inovação adicional (inovação radical e inovação incremental).

Com base nos resultados apresentados, as hipóteses H3 e H6 também são confirmadas, uma vez que o efeito da internacionalização no desempenho financeiro não foi significativo para as empresas brasileiras. Por outro lado, o mesmo foi negativo e estatisticamente significativo para as empresas europeias. Além disso, verificou-se que o coeficiente angular dos modelos sobre a interação entre ambidestria na DI ambidestria das empresas europeias (coef. 0.0050) foi maior do que nas empresas brasileiras (0.0048).

A Tabela 4 sumariza os resultados para as hipóteses. H1 até H3 se referem às hipóteses estabelecidas para uma relação direta entre internacionalização e desempenho financeiro, enquanto que H4 até H6 se referem ao efeito moderador da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro

Tabela 4

Resumo dos resultados e das análises relacionadas às hipóteses de pesquisa

| Hipótese | Descrição | Resultados | Significância |
|----------|--|---------------------|---------------|
| H1 | A internacionalização influencia positivamente o desempenho de empresas brasileiras | Não influencia | Rejeitada |
| H2 | A internacionalização influencia positivamente o desempenho de empresas europeias | Influência negativa | Rejeitada |
| H3 | A internacionalização influencia de forma diferente o desempenho de empresas brasileiras em comparação ao de empresas europeias | - | Não rejeitada |
| H4 | A inovação modera positivamente a relação entre internacionalização e desempenho financeiro em empresas brasileiras | Influência positiva | Não rejeitada |
| H5 | A inovação modera positivamente a relação entre internacionalização e desempenho financeiro em empresas europeias | Influência positiva | Não rejeitada |
| H6 | Nas empresas europeias, a função determinante da influência da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro apresenta um coeficiente angular mais alto do que em empresas brasileiras | Influência positiva | Não rejeitada |

Fonte: dados do estudo.

H1 e H2 foram rejeitadas porque não corroboram a relação estabelecida neste estudo (Tabela 4). H3 não foi rejeitada, pois uma relação não significativa foi verificada para as empresas brasileiras e uma relação negativa significativa foi verificada para as empresas europeias. H4, H5 e H6 também não foram rejeitadas, como mostram as regressões GMM.

5. Discussão

Este estudo contribui com a literatura ao examinar como as empresas se apropriam do valor da ambidestria da inovação em seu processo de internacionalização. Para tanto, foi analisado o efeito moderador da ambidestria na relação entre internacionalização e desempenho financeiro em economias emergentes em comparação com economias desenvolvidas. Em relação às empresas brasileiras, os resultados mostram que o nível de internacionalização por si só não foi estaticamente significativo e, portanto, não influencia o desempenho financeiro. Desta forma, não se pode afirmar que as empresas brasileiras com um maior grau de internacionalização tendem a ter desempenho financeiro melhor do que aquelas com baixo grau de internacionalização. Resultados semelhantes foram encontrados na literatura nacional por Marcos, Nascimento, Nez, e Kroenke (2018), enquanto que os resultados relacionados ao cenário de economias emergentes são consistentes com os achados de Chen e Hsu (2010), Pattnaik e Elango (2009) e Tang et al. (2018), que também não detectaram uma relação linear significativa entre os constructos. Por outro lado, estes resultados contradizem os achados de Chang e Rhee (2011), que analisam uma amostra de empresas coreanas; de Chen e Tan (2012), que analisam empresas chinesas; de Gaur e Kumar (2009), que estudaram empresas indianas; e de Loncan e Nique (2010), e Silva e Boaventura (2011), que analisaram empresas brasileiras.

Embora empresas multinacionais sediadas em economias emergentes têm ganhado proeminência no mercado global (Stal, 2010), existem obstáculos econômicos e institucionais (Khanna & Rivkin, 2001; Kirca et al., 2012; Mathews, 2006) que interferem em sua internacionalização. Muitas razões no cenário brasileiro podem justificar a não existência de uma relação entre o grau de internacionalização e desempenho financeiro, como, por exemplo, isolamento geográfico, que favorece apenas a internacionalização com os parceiros do Mercosul, problemas de comunicação (idioma) e efeitos adversos da distância psíquica, que atrapalha o processo de internacionalização (Stal, 2010), ou seja, dificuldade de superar diferenças culturais, econômicas, geográficas, regulatórias, jurídicas e, principalmente, questões éticas e de prática empresarial (Campbell, Eden & Miller, 2012).

Os resultados nas empresas brasileiras evidenciados pelos modelos que consideram as influências individuais das atividades de inovação radical e inovação incremental como variáveis moderadoras do grau de internacionalização não foram estatisticamente significantes. Portanto, não há evidência sobre seu subsequente impacto no desempenho financeiro.

Alternativamente, o efeito da inovação ambidestra no DI das empresas brasileiras mostra que um equilíbrio entre atividades de inovação modera DI de forma positiva e significativa, com impactos subsequentes no desempenho financeiro. Em outras palavras, quanto maior o nível de investimento em bens de capital e quanto maior os investimentos em P&D combinados, maior o nível de internacionalização e desempenho financeiro.

Os resultados para o cenário europeu revelam que, individualmente, DI foi estatisticamente significativa, afetando o desempenho financeiro negativamente. Para as empresas europeias, quanto maior a internacionalização, pior o desempenho financeiro. Relações negativas em amostras de economias desenvolvidas também foram encontradas por Siddharthan e Lall (1982). No entanto, estes resultados diferem daqueles relatados por Brida et al. (2016) e Rugman e Oh (2010), que encontraram uma relação não linear entre estes constructos nos contextos espanhol e americano, respectivamente.

É razoável assumir que, embora os países europeus tenham vantagens competitivas bem maiores que seus rivais – geralmente adquiridas por meio de tecnologia avançada ou preferência de mercado, – os resultados são possivelmente explicados pela estagnação de crescimento, principalmente por estarem localizadas em mercados pequenos, insuficientes para absorver qualquer aumento de produção (Bartlett, Ghoshal, & Birkinshaw, 2004). Além disso, a cultura também interfere na internacionalização de empresas europeias devido às restrições de recursos e legislação e o gosto de consumidores em outros países (Ipsmiller & Dikova, 2021). Neste caso, ao entrar em novos mercados, os custos marginais inerentes à internacionalização acabam por compensar os benefícios marginais com impacto negativo no desempenho (Li, 2007), sendo necessários diferenciais competitivos capazes de alavancar seu grau de internacionalização até que surjam resultados positivos.

Além disso, à semelhança das empresas brasileiras, as atividades de inovação radical a inovação incremental em empresas europeias, tomadas individualmente como variáveis moderadoras da relação entre internacionalização e desempenho financeiro, não apresentaram significância estatística, pelo que se assume que as mesmas não impactam o desempenho financeiro. Por sua vez, a relação entre DI e ambidestria e desempenho das empresas europeias revelou-se positiva e estatisticamente significativa. Ou seja, quanto maior o equilíbrio entre o investimento em bens de capital e o investimento em P&D nas empresas europeias, maior será o seu nível de internacionalização e, conseqüentemente, maior o desempenho financeiro.

Com base nos resultados dos modelos de regressão e segundo o VBR, a competência organizacional e idiosincrasia são variáveis de distinção entre as empresas (Barney, 1991). Dessa forma, a inovação funciona como uma variável interveniente, contribuindo para elevar o grau de internacionalização nas empresas brasileiras e europeias. Este resultado reforça os pressupostos da Teoria de Internalização e o modelo OLI referente à necessidade de recursos estratégicos para expandir para novos mercados e obter melhor desempenho. Portanto, como pontuado por Heavey e Simsek (2017) e Levinthal e March (1993), focar excessivamente em atividades de inovação incremental pode levar a empresa a um estado subótimo de equilíbrio, enquanto que a concentração em atividades de inovação radical pode levar a altos custos de experimentação, de ideias a serem desenvolvidas e menos habilidades (Karrer & Fleck, 2015). Isso, por sua vez, não favorece a internacionalização, corroborando os resultados aqui apresentados.

Alguns estudos explicam a relevância da tecnologia, recursos de inovação e capacidade de internacionalização. Lamotte e Colovic (2015), por exemplo, mostram que a infraestrutura da tecnologia da informação está associada à internacionalização precoce. Pergelova et al. (2019) apontam que as tecnologias digitais afetam a internacionalização de forma positiva e que esta relação é moderada por P&D. Neste sentido, Rehman (2017) constatou que a produtividade de uma empresa está relacionada às vendas de exportação, enquanto que a inovação contribui para o processo de internacionalização, pois empresas mais inovadoras evidenciaram maior orientação exportadora (Gajewski & Tchorek, 2017).

O envolvimento simultâneo desses dois tipos de atividades requer diferentes estruturas organizacionais, estratégias e contextos, uma vez que a inovação incremental considera o curto prazo, enquanto inovação radical vislumbra o longo prazo (Karrer & Fleck, 2015). Os resultados confirmam a necessidade de analisar não apenas as inovações radicais e incrementais separadamente, mas também os seus efeitos combinados no desempenho organizacional (Ceptureanu et al., 2021), pois evidenciam uma influência positiva da ambidestria da inovação na relação entre internacionalização e desempenho financeiro. Tal situação confirma estudos anteriores de que a sinergia entre esses dois tipos de atividade amplificam os efeitos no desempenho (Ceptureanu et al., 2021, Zhang et al., 2019, Cao, Gedajlovic, & Zhang, 2009; Gupta, Smith, & Shalley, 2006).

O ponto central desta investigação é que o investimento de capital permite que uma empresa inove por meio do investimento em P&D e, por sua vez, permite que ela crie vantagens competitivas cruciais para entrar e competir em mercados internacionais. Da mesma forma, ao se internacionalizar, a empresa pode adquirir novas tecnologias e aumentar seu nível de P&D como forma de superar as pressões do mercado, especialmente nos mercados internacionais e, partir disso, aumentar seu desempenho. Portanto, alcançar um equilíbrio entre as duas atividades de inovação é relevante para a lucratividade (março, 1991). Assim, os resultados deste estudo corroboram Junni, Sarala, Taras, e Tarba (2013) e Karrer e Fleck (2015) quanto à importância de equilibrar as atividades de inovação na promoção de maiores ganhos, especialmente em mercados externos.

Além disso, os aspectos econômicos e institucionais do país de origem (localização, contexto e cultura) podem influenciar o processo de internacionalização das empresas (Ipsmiller & Dikova, 2021). Em economias emergentes, no caso em tela o Brasil, as empresas podem usar a inovação como estratégia para fortalecer seu nível de internacionalização e, a partir de então, aplicar a internacionalização como um catalisador para adquirir recursos como novas tecnologias e ativos estratégicos, fundamentais para competir com rivais globais, além de ajudar superar as restrições econômicas e institucionais de outros países (Luo & Tung, 2007). Em empresas europeias, a inovação pode ajudá-las a superar os desafios de legitimidade, restrições de mercado e dependência de recursos para alcançar uma internacionalização bem-sucedida, e isso certamente impactará seu desempenho financeiro (Ipsmiller & Dikova, 2021).

De maneira geral, deve-se destacar que a empresa deve investir em tecnologia e P&D para agregar valor aos seus produtos e alcançar maior produtividade para seus esforços de internacionalização (Loncan & Nique, 2010).

6. Comentários Finais

Os resultados aqui apresentados mostram que as capacidades únicas de uma empresa são vitais em condições de grande dinamismo e incertezas de mercado, permitindo-lhes obter vantagens competitivas no mercado externo. Esta pesquisa possibilitou verificar os efeitos da ambidestria da inovação em diferentes países com ambientes econômicos distintos, uma vez que a internacionalização por si só pode não impactar o desempenho financeiro de uma empresa, o que pode ocorrer devido às condições de seu país de origem. A imagem do país de origem pode ser uma ferramenta estratégica relevante, expressando um componente intangível, ou seja, a origem do país pode influenciar diferentes decisões relacionadas ao país, como viagens, investimentos e aquisição de produtos, além de ser visualizada como uma característica que afeta a vontade do consumidor pagar mais.

A partir dos resultados apresentados, são necessários recursos específicos, como a inovação, mais especificamente a ambidestria da inovação, que é capaz de gerar melhorias em produtos, processos e diretrizes de gestão como meio para a expansão da empresa no mercado internacional, contribuindo para a melhoria do seu desempenho tendo em vista a sua continuidade. A inovação incremental atua como um recurso importante para o desempenho financeiro de curto prazo, o que contribui para aumentar a capacidade de investimento da empresa em inovação radical. Na mesma direção, a inovação radical possibilita a geração de novos fluxos de receita (inovação incremental), gerando novos lucros e garantindo a sobrevivência a longo prazo. Portanto, este estudo contribui com pesquisa que aborda a relação internacionalização-desempenho ao identificar a ambidestria das atividades de inovação como um fator adicional que interfere nessa relação. Também inova ao investigar a relação entre construtos em empresas de diferentes contextos econômicos e institucionais.

Outra implicação deste estudo diz respeito à prática gerencial. Como a inserção de uma empresa em mercados internacionais gera diversos custos e benefícios que não surgem espontaneamente, gestores de empresas brasileiras e europeias podem mitigar ou até mesmo superar fragilidades investindo em capacidades, conhecimento e *know-how* necessários para apoiar os investimentos em P&D até que sua capacidade de inovação seja capaz de mitigar os custos de internalização nos mercados internacionais.

Do ponto de vista analítico, os resultados dos modelos de regressão permitem concluir que a empresa, independentemente do cenário econômico e institucional em que está inserida, necessita de recursos intangíveis estratégicos para impulsionar sua expansão no mercado externo, visto que os custos de transação são inferiores aos de internalização em contexto internacional, sendo que esta, por sua vez, é mitigada pela capacidade de inovação da empresa, conforme preconizado neste estudo. Assim, o VBR fortalece a Teoria da Internalização e o modelo OLI, mostrando que a inovação modera positivamente a relação entre internacionalização e desempenho financeiro.

Apesar do rigor metodológico empreendido e dos achados relevantes, as seguintes limitações devem ser reconhecidas neste estudo: apenas uma economia emergente foi comparada a um grupo de países desenvolvidos e apenas uma medida de desempenho financeiro e duas variáveis de internacionalização, além do recorte temporal, que era de cinco anos, foram adotados neste estudo. Desta forma, sugere-se que estudos futuros: i) ampliem a amostra, proporcionando bases de comparação com outras economias emergentes e desenvolvidas e (ii) adotem medidas representativas adicionais de desempenho empresarial e internacionalização. Por fim, estudos futuros devem investigar outros fatores que irão moderar a relação entre internacionalização e desempenho financeiro.

Referências

- Albuquerque Filho, A. R., Freire, M. M. A., De Luca, M. M. M., & de Vasconcelos, A. C. (2020). Influência da internacionalização e da inovação na competitividade empresarial. *Revista Eletrônica de Negócios Internacionais: Internext*, 15(1), pp. 1-18. Doi: <http://dx.doi.org/10.18568/internext.v15i1.521>
- Amsden, A. H., & Hikino, T. (1994). Project execution capability, organizational know-how, and conglomerate corporate growth in late industrialization. *Industrial and Corporate Change*, 3(1), pp. 111-147. Doi: <https://doi.org/10.1093/icc/3.1.111>
- Andrade, A. M. F. D., & Galina, S. V. R. (2013). Effects of internationalization on the performance of multinational companies from developing economies. *Revista de Administração Contemporânea*, 17(2), pp. 239-262.
- Annavarjula, M., Beldona, S., & Sadrieh, F. (2006). Corporate performance implications of multinationality. *Journal of Transnational Management*, 10(4), pp. 5-33. Doi: https://doi.org/10.1300/J482v10n04_02
- Arellano, M., & Bond, S. (1991). Some tests of specification for panel data: Monte Carlo evidence and an application to employment equations. *The Review of Economic Studies*, 58(2), pp. 277-297. Doi: <https://doi.org/10.2307/2297968>
- Arellano, M., & Bover, O. (1995). Another look at the instrumental variable estimation of error-components models. *Journal of econometrics*, 68(1), pp. 29-51. Doi: [https://doi.org/10.1016/0304-4076\(94\)01642-D](https://doi.org/10.1016/0304-4076(94)01642-D)
- Bae, S. C., Park, B. J. C., & Wang, X. (2008). Multinationality, R&D intensity, and firm performance: evidence from U.S. *Manufacturing Firms*. *Multinational Business Review*, 16(1), pp. 53-78. Doi: <https://doi.org/10.1108/1525383X200800003>
- Baregheh, A., Rowley, J., & Sambrook, S. (2009). Towards a multidisciplinary definition of innovation. *Management Decision*, 47(8), pp. 1323-1339. Doi: <https://doi.org/10.1108/00251740910984578>
- Barney, J. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage. *Journal of Management*, 17(1), pp. 99-120. Doi: <https://doi.org/10.1177/014920639101700108>
- Bartlett, C. A., Ghoshal, S., & Birkinshaw, J. (2004). Preparing for the future: evolution of the transnational. *The Strategy Reader*, 2nd ed. Malden: Blackwell publishing.
- Bausch, A., & Krist, M. (2007). The effect of context-related moderators on the internationalization-performance relationship: evidence from meta-analysis. *Management International Review*, 47(3), pp. 319-347. Doi: [10.1007/978-3-8349-9498-1_2](https://doi.org/10.1007/978-3-8349-9498-1_2)
- Bedford, A., Ma, L., Ma, N., & Vojvoda, K. (2021). Future profitability and stock returns of innovative firms in Australia. *Pacific-Basin Finance Journal*, 66 (1), pp.101508. <https://doi.org/10.1016/j.pacfin.2021.101508>
- Bernal, P., Maicas, J. P., & Vargas, P. (2018). Exploration, exploitation and innovation performance: Disentangling the evolution of industry. *Industry and Innovation*, 26(3), pp. 1-26. Doi: <https://doi.org/10.1080/13662716.2018.1465813>
- Block, F. L., & Keller, M. R. (2015). *State of innovation: the US government's role in technology development*. Routledge.
- Brida, J. G., Driha, O., Ramón-Rodríguez, A. B., & Such-Devesa, M. J. (2016). The inverted-U relationship between the degree of internationalization and the performance: The case of Spanish hotel chains. *Tourism Management Perspectives*, 17(1), pp. 72-81. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2015.12.016>
- Brito, E. P. Z., Brito, L. A. L., & Morganti, F. (2009). Innovation and corporate performance: profit or growth?. *RAE eletrônica*, 8(1), pp. 1-24. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1676-56482009000100007>

- Buckley, P., & Casson, M. (1998). Analyzing foreign market entry strategies: extending the internalization approach. *Journal of International Business Studies*, 29(3), pp. 539-561. Doi: <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490006>
- Campbell, J. T., Eden, L., & Miller, S. R. (2012). Multinationals and corporate social responsibility in host countries: Does distance matter? *Journal of International Business Studies*, 43(1), pp. 84-106. Doi: <https://doi.org/10.1057/jibs.2011.45>
- Cao, Q., Gedajlovic, E., & Zhang, H. (2009). Unpacking organizational ambidexterity: dimensions, contingencies, and synergistic effects. *Organization Science*, 20(4), pp. 781-796. Doi: <https://doi.org/10.1287/orsc.1090.0426>
- Ceptureanu, S. I., Ceptureanu, E. G., & Cerqueti, R. (2021). Innovation ambidexterity and impact on the performance in IT companies: The moderating role of business experience. *Technology Analysis and Strategic Management*. 1, pp. 1-14 Doi: <https://doi.org/10.1080/09537325.2021.1918337>
- Chang, J. (2007). International expansion path, speed, product diversification and performance among emerging-market MNEs: Evidence from Asia-Pacific multinational companies. *Asian Business & Management*, 6(4), pp. 331-353. Doi: <https://doi.org/10.1057/palgrave.abm.9200228>
- Chang, S. J., & Rhee, J. H. (2011). Rapid FDI expansion and firm performance. *Journal of International Business Studies*, 42(8), pp. 979-994. Doi: <https://doi.org/10.1057/jibs.2011.30>
- Chen, H., & Hsu, C.-W. (2010). Internationalization, resource allocation and firm performance. *Industrial Marketing Management*, 39(7), pp. 1103-1110. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.indmarman.2009.10.001>
- Chen, S., & Tan, H. (2012). Region effects in the internationalization-performance relationship in Chinese firms. *Journal of World Business*, 47(1), pp. 73-80. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2010.10.022>
- Cohen, W. M., & Levinthal, D. A. (1990). Absorptive capacity: A new perspective on learning and innovation. *Administrative Science Quarterly*, 35(1), pp. 128-152. Doi: <https://doi.org/10.2307/2393553>
- Colovic, A., & Lamotte, O. (2015). Technological environment and technology entrepreneurship: a cross-country analysis. *Creativity and Innovation Management*, 24(4), pp. 617-628. Doi: <https://doi.org/10.1111/caim.12133>
- Conto, S. M. D., Antunes Júnior, J. A. V., & Vaccaro, G. L. R. (2016). Innovation as a competitive advantage issue: a cooperative study on an organic juice and wine producer. *Gestão & Produção*, 23(2), pp. 397-407. Doi: <https://doi.org/10.1590/0104-530X1677-14>
- Contractor, F. J., Kumar, V., & Kundu, S. K. (2007). Nature of the relationship between international expansion and performance: The case of emerging market firms. *Journal of World Business*, 42(4), pp. 401-417. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2007.06.003>
- Contractor, F., Kundu, S., & Hsu, C.-C. (2003). A three-stage theory of international expansion: the link between multinationality and performance in the service sector. *Journal of International Business Studies*, 34(1), pp. 5-18. Doi: <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8400003>
- Cui, H., Dai, L., & Zhang, Y. (2021). Organization Capital and Corporate Innovation: Evidence from China. *Finance Research Letters*, 2(1), pp. 101956. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.frl.2021.101956>
- Dess, G. G., & Picken, J. C. (2000). Changing roles: Leadership in the 21st century. *Organizational Dynamics*, 28(3), 18-34. Doi: [https://doi.org/10.1016/S0090-2616\(00\)88447-8](https://doi.org/10.1016/S0090-2616(00)88447-8)
- Dudley, E. (2012). Capital structure and large investment projects. *Journal of Corporate Finance*, 18(5), pp. 1168-1192. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jcorpfin.2012.07.007>
- Dunlap, D., Parente, R., Geleilate, J.-M., & Marion, T. J. (2016). Organizing for Innovation Ambidexterity in Emerging Markets: Taking Advantage of Supplier Involvement and Foreignness. *Journal of Leadership and Organizational Studies*, 23(2), pp. 175-190. Doi: <https://doi.org/10.1177/1548051816636621>

- Dunning, J. H. (1988). The eclectic paradigm of international production: a restatement and some possible extensions. *Journal of International Business Studies*, 19(1), pp. 1-31. Doi: https://doi.org/10.1007/978-1-137-54471-1_3
- Fahy, J. (2002). A resource-based analysis of sustainable competitive advantage in a global environment. *International Business Review*, 11(1), pp. 57-77. Doi: [https://doi.org/10.1016/S0969-5931\(01\)00047-6](https://doi.org/10.1016/S0969-5931(01)00047-6)
- Gajewski, P., & Tchorek, G. (2017). What drives export performance of firms in Eastern and Western Poland?. *European Planning Studies*, 25(12), pp. 2250-2271. Doi: <https://doi.org/10.1080/09654313.2017.1355890>
- Gaur, A. S., & Kumar, V. (2009). International diversification, business group affiliation and firm performance: empirical evidence from India. *British Journal of Management*, 20(2), pp. 172-186. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8551.2007.00558.x>
- Gaur, A., & Kumar, V. (2010). Internationalization of emerging market firms: A case for theoretical extension. *The Past, Present and Future of International Business & Management*, 23, pp. 603-627. Doi: [https://doi.org/10.1108/S1571-5027\(2010\)00000230031](https://doi.org/10.1108/S1571-5027(2010)00000230031)
- Gilsing, V., & Nooteboom, B. (2006). Exploration and exploitation in innovation systems: The case of pharmaceutical biotechnology. *Research Policy*, 35(1), pp. 1-23. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.respol.2005.06.007>
- Gunday, G., Ulusoy, G., Kilic, K., & Alpkan, L. (2011). Effects of innovation types on firm performance. *International Journal of Production Economics*, 133(2), pp. 662-676. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijpe.2011.05.014>
- Gupta, A. K., Smith, K. G., & Shalley, C. E. (2006). The Interplay between Exploration and Exploitation. *The Academy of Management Journal*, 49(4), pp. 693-706. Doi: <https://doi.org/10.5465/amj.2006.22083026>
- He, Z.-L., & Wong, P. (2004). Exploration vs. Exploitation: An Empirical Test of the Ambidexterity Hypothesis. *Organization Science*, 15(4), 481-494. Doi: <https://doi.org/10.1287/orsc.1040.0078>
- Heavey, C., & Simsek, Z. (2017). Distributed cognition in top management teams and organizational ambidexterity: The influence of transactive memory systems. *Journal of Management*, 43(3), pp. 919-945. Doi: <https://doi.org/10.1177/0149206314545652>
- Hejazi, W., & Santor, E. (2010). Foreign asset risk exposure, DOI, and performance: An analysis of Canadian banks. *Journal of International Business Studies*, 41(5), pp. 845-860. Doi: <https://doi.org/10.1057/jibs.2009.86>
- Hitt, M. A., Bierman, L., Uhlenbruck, K., & Shimizu, K. (2006). The importance of resources in the internationalization of professional service firms: the good, the bad, and the ugly. *The Academy of Management Journal*, 49(6), pp. 1137-1157. Doi: <https://doi.org/10.5465/amj.2006.23478217>
- Hymer, S. H. (1976). *International operations of national firms*. MIT press.
- Ipsmiller, E., & Dikova, D. (2021). Internationalization from Central and Eastern Europe: A systematic literature review. *Journal of International Management*, 27(4), pp. 100862. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.intman.2021.100862>
- Isogawa, D., Nishikawa, K., & Ohashi, H. (2015). Innovation Height and Firm Performance: An Empirical Analysis from the Community Innovation Survey. *KDI Journal of Economic Policy*, 37(1), pp. 44-72. Doi: [doi: 10.23895 / kdijep.2015.37.1.44](https://doi.org/10.23895/kdijep.2015.37.1.44)
- Jain, N. K., Celo, S., & Kumar, V. (2019). Internationalization speed, resources and performance: Evidence from Indian software industry. *Journal of Business Research*, 95(1), pp. 26-37. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.09.019>

- Junni, P., Sarala, R. M., Taras, V., & Tarba, S. Y. (2013). Organizational ambidexterity and performance: A meta-analysis. *Academy of Management Perspectives*, 27(4), pp. 299-312. Doi: <https://doi.org/10.5465/amp.2012.0015>
- Karrer, D., & Fleck, D. (2015). Organizing for ambidexterity: A paradox-based typology of ambidexterity-related organizational states. *Brazilian Administration Review*, 12(4), pp. 365-383. Doi: <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2015150029>
- Khanna, T., & Rivkin, J. W. (2001). Estimating the performance effects of business groups in emerging markets. *Strategic Management Journal*, 22(1), 45-74. Doi: [https://doi.org/10.1002/1097-0266\(200101\)22:1<45::AID-SMJ147>3.0.CO;2-F](https://doi.org/10.1002/1097-0266(200101)22:1<45::AID-SMJ147>3.0.CO;2-F)
- Kim, M., Kim, J.-e., Sawng, Y.-w. and Lim, K.-s. (2018). Impacts of innovation type SME's R&D capability on patent and new product development. *Asia Pacific Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 12(1), pp. 45-61. Doi: <https://doi.org/10.1108/APJIE-04-2018-043>
- Kim, Y. (2015). Environmental, sustainable behaviors and innovation of firms during the financial crisis. *Business Strategy and the Environment*, 24(1), pp. 58-72. Doi: <https://doi.org/10.1002/bse.1811>
- Kirca, A. H., Roth, K., Hult, G. T. M. & Cavusgil, S. T. (2012). The role of context in the multinationality-performance relationship: A meta-analytic review. *Global Strategy Journal*, 2(2), pp. 108-121. Doi: <https://doi.org/10.1002/gsj.1032>
- Kotabe, M., Srinivasan, S. S., & Aulakh, P. S. (2002). Multinationality and firm performance: The moderating role of R&D and marketing capabilities. *Journal of International Business Studies*, 33(1), pp. 79-97. Doi: <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8491006>
- Kowalik, I., Danik, L., & Sikora, T. (2017). Entrepreneurial orientation elements in the Polish international new ventures. *Baltic Journal of Management*, 12(2), pp. 194-213. Doi: <https://doi.org/10.1108/BJM-03-2016-0070>
- Kumar, M. S. (2009). The relationship between product and international diversification: The effects of short-run constraints and endogeneity. *Strategic Management Journal*, 30(1), pp. 99-116. Doi: <https://doi.org/10.1002/smj.724>
- Lev, B. (2001). *Intangibles: management, measurement, and reporting*. Brookings Institution Press.
- Levinthal, D. A., & March, J. G. (1993). The myopia of learning. *Strategic Management Journal*, 14(2), pp. 95-112. Doi: <https://doi.org/10.1002/smj.4250141009>
- Li, L. (2007). Multinationality and performance: A synthetic review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 9(2), pp.117-139. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2370.2007.00205.x>
- Lin, H.-E., McDonough III, E. F., Lin, S.-J., & Lin, C. Y.-Y. (2013). Managing the exploitation/exploration paradox: The role of a learning capability and innovation ambidexterity. *Journal of Product Innovation Management*, 30(2), pp. 262-278. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1540-5885.2012.00998.x>
- Lin, W.-T., Liu, Y., & Cheng, K.-Y. (2011). The internationalization and performance of a firm: Moderating effect of a firm's behavior. *Journal of International Management*, 17(1), pp. 83-95. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.intman.2010.12.004>
- Loncan, T., & Nique, W. M. (2010). Degree of internationalization and performance: Evidence from emerging Brazilian multinational firms. *Journal of Globalization, Competitiveness, & Governability*, 4(1), pp. 40-51. Doi: 10.3232/ GCG.2010. V4.N1.02
- Lu, J. W., & Beamish, P. W. (2001). The internationalization and performance of SMEs. *Strategic Management Journal*, 22(7), pp. 565-586. Doi: <https://doi.org/10.1002/smj.184>

- Lu, J. W., & Beamish, P. W. (2004). International diversification and firm performance: The S-curve hypothesis. *Academy of Management Journal*, 47(4), pp. 598-609. Doi: <https://doi.org/10.5465/20159604>
- Luo, Y., & Tung, R. L. (2007). International expansion of emerging market enterprises: A springboard perspective. *Journal of International Business Studies*, 38(4), pp. 481-498. Doi: <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8400275>
- March, J. G. (1991). Exploration and exploitation in organizational learning. *Organization Science*, 2(1), pp. 71-87. Doi: <https://doi.org/10.1287/orsc.2.1.71>
- Marcos, C., Nascimento, J. C., Nez, E., & Kroenke, A. (2018). Economic-financial performance and the degree of internationalization of companies listed on the new Market of B3. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 10(2), pp. 91-105. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/rcc.v10i2.62879>
- Massell, B. F. (1962). Investment, innovation, and growth. *Econometric Journal of the Econometric Society*, 30(2), 239-252. Doi: <https://doi.org/10.2307/1910215>
- Mathews, J. A. (2006). Dragon multinationals: New players in 21st century globalization. *Asia Pacific Journal of Management*, 23(1), pp. 5-27. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10490-006-6113-0>
- Medeiros, A. W., & Mol, A. L. R. (2017). Tangibilidade e intangibilidade na identificação do desempenho persistente: evidências no mercado brasileiro. *Revista de Administração Contemporânea*, 21(2), pp. 184-202. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150259>
- Miller, S. R., Lavie, D., & Delios, A. (2016). International intensity, diversity, and distance: Unpacking the internationalization-performance relationship. *International Business Review*, 25(4), pp. 907-920. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2015.12.003>
- Muzychenko, O., & Liesch, P. W. (2015). International opportunity identification in the internationalisation of the firm. *Journal of World Business*, 50(4), pp. 704-717. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2014.12.001>
- Nekhili, M., Boubaker, S., & Lakhali, F. (2012). Ownership structure, voluntary R&D disclosure and market value of firms: the French case. *International Journal of Business*, 17(2), pp. 126-156.
- Oyadomari, J. C. T., de Mendonça Neto, O. R., Cardoso, R. L., & Dultra-de-Lima, R. G. (2013). Innovation Inductors Factors And Management Control Practices Maintenance: An Exploratory Study. *Revista Universo Contábil*, 9(2), pp. 125-141. Doi: <https://doi.org/10.4270/ruc.2013216>
- Pattnaik, C., & Elango, B. (2009). The impact of firm resources on the internationalization and performance relationship: a study of indian manufacturing firms. *Multinational Business Review*, 17(2), pp. 69-88. Doi: <https://doi.org/10.1108/1525383X200900010>
- Pergelova, A., Manolova, T., Simeonova-Ganeva, R., & Yordanova, D. (2019). Democratizing entrepreneurship? Digital technologies and the internationalization of female-led SMEs. *Journal of Small Business Management*, 57(1), pp. 14-39. Doi: <https://doi.org/10.1111/jsbm.12494>
- Pertusa-Ortega, E. M., Tarí, J. J., Pereira-Moliner, J., Molina-Azorín, J. F., & López-Gamero, M. D. (2021). Developing ambidexterity through quality management and their effects on performance. *International Journal of Hospitality Management*, 92(1), pp. 102720. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2020.102720>
- Popadiuk, S., & Bido, D. D. S. (2016). Exploration, exploitation, and organizational coordination mechanisms. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(2), pp. 238-260. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2016150018>
- Rehman, N. U. (2017). Self-selection and learning-by-exporting hypotheses: micro-level evidence. *Eurasian Economic Review*, 7(1), pp. 133-160. Doi: <https://doi.org/10.1007/s40822-016-0063-8>
- Reuer, J. J., & Miller, K. D. (1997). Agency costs and the performance implications of international joint venture internalization. *Strategic Management Journal*, 18(6), pp. 425-438. Doi: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-0266\(199706\)18:6<425::AID-SMJ878>3.0.CO;2-%23](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-0266(199706)18:6<425::AID-SMJ878>3.0.CO;2-%23)

- Roodman, D. (2009). How to do xtabond2: An introduction to difference and system GMM in Stata. *The Stata Journal*, 9(1), pp. 86-136. Doi: <https://doi.org/10.1177/1536867X0900900106>
- Rugman, A., & Oh, C. H. (2010). Does the regional nature of multinationals affect multinationality and performance relationship? *International Business Review*, 19(5), pp. 479-488. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ibusrev.2009.02.012>
- Rugman, Alan M. 1976. "Risk Reduction by International Diversification". *Journal of International Business Studies*, 7(2), pp. 75-80. Doi: <https://doi.org/10.1057/palgrave.jibs.8490702>
- Schulze, L., Douesnel, A., & Grégoire, O. (2016). Internationalization and firm performance in Chindia countries: A meta-analytic review. *AD-Minister*, 29, 5-22. <https://doi.org/10.17230/ad-minister.29.1>
- Severgnini, E., Galdamez, E. V. C., & Vieira, V. A. (2019). The effects of exploration, exploitation, and ambidexterity on software firm performance. *Revista de Administração Contemporânea*, 23(1), pp. 111-135. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2019170330>
- Siddharthan, N. S., & Lall, S. (1982). The recent growth of the largest us multinationals. *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, 44(1), pp. 1-13. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0084.1982.mp44001001.x>
- Silva, P. P. M., & Boaventura, J. M. G. (2011). Internationalization strategy and financial performance in Brazilian firms. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 10(3), pp. 4-21. Doi: <http://dx.doi.org/10.5585/riae.v10i3.1728>
- Sonza, I. B., & de Oliveira Kloeckner, G. (2014). Governança em estruturas proprietárias concentradas: novas evidências para o Brasil. *Revista de Administração*, 49(2), pp. 322-338. Doi: <https://doi.org/10.5700/rausp1149>
- Stal, E. (2010). Internationalization of brazilian companies and the role of innovation in building competitive advantages. *Innovation & Management Review*, 7(3), pp. 120-149. Doi: <http://dx.doi.org/10.5585/RAI.2010448>
- Sun, W., Price, J., & Ding, Y. (2019). The longitudinal effects of internationalization on firm performance: The moderating role of marketing capability. *Journal of Business Research*, 95, pp. 326-337. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.08.014>
- Tang, C., Tang, Y., & Su, S. (2019). R&D internationalization, product diversification and international performance for emerging market enterprises: an empirical study on chinese enterprises. *European Management Journal*, 37(4), pp. 529-539. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.emj.2018.11.003>
- Thomas, D. E. (2006). International diversification and firm performance in Mexican firms: A curvilinear relationship? *Journal of Business Research*, 59(4), pp. 501-507. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2005.08.008>
- Thomas, D. E., & Eden, L. (2004). What is the shape of the multinationality-performance relationship? *Multinational Business Review*, 12(1), pp. 89-110. Doi: <https://doi.org/10.1108/1525383X200400005>
- Ubeda-Garcia, M., Rienda, L., Zaragoza-Saez, P. C., & Andreu-Guerrero, R. (2021). The impact of knowledge management on the internationalization, organizational ambidexterity and performance of Spanish hotel chains. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*. 33(5), pp. 1507-1531. Doi: <https://doi.org/10.1108/IJCHM-10-2020-1141>
- Wan, W. P. (2005). Country resource environments, firm capabilities, and corporate diversification strategies. *Journal of Management Studies*, 42(1), pp. 161-182. Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2005.00492.x>
- Wooldridge, J. M. (2001). Applications of generalized method of moments estimation. *Journal of Economic perspectives*, 15(4), pp. 87-100. Doi: <https://doi.org/10.1257/jep.15.4.87>

- Yoshikuni, A. C., Favaretto, J. E. R., Albertin, A. L., & Meirelles, F. D. S. (2018). As influências dos Sistemas de Informação Estratégicos na relação da Inovação e Desempenho Organizacional. *BBR. Brazilian Business Review*, 15(5), pp. 444-459. Doi: <https://doi.org/10.15728/bbr.2018.15.5.3>
- Younge, K. A., & Tong, T. W. (2018). Competitive pressure on the rate and scope of innovation. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 150(1), pp. 162-181. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2018.03.026>
- Zhang, L., Wang, Y., & Wei, Z. (2019). How Do Managerial Ties Leverage Innovation Ambidexterity for Firm Growth? *Emerging Markets Finance and Trade*, 55(4), pp. 902-914. Doi: <https://doi.org/10.1080/1540496X.2018.1526075>